

Conto em revista: o perfil da leitora e a representação da mulher nas narrativas de ficção do periódico Nova

Laísa Veroneze Bisol¹

Luana Teixeira Porto²

Resumo: Este artigo apresenta uma análise de contos publicados na revista *Nova* no ano de 2010 com o objetivo de analisar a construção das narrativas destinadas ao público feminino veiculadas nessa revista e de observar o perfil da leitora e a imagem da mulher que é projetada através dos textos. Para isso, no processo de leitura e interpretação das histórias curtas, o estudo de Cortázar sobre o conto subsidia o exame da forma e estrutura das narrativas selecionadas, as quais se intitulam “Incontrolável paixão”, “O mexicano quente” e “Índia, uma mulher fascinante” e se constituem em adaptações de textos de autoras. A fim de refletir sobre o perfil do público feminino e a imagem da mulher nos contos, tomam-se como referência principalmente obras de Jane Jordan Klein e Dulcília Schroeder Buitoni. A realização do exame comparativo das histórias mostra que, mesmo com enredos totalmente diferentes, as narrativas configuram a imagem de uma mulher que, embora queira ser moderna, ainda é submissa em relação ao homem e tem, entre seus valores principais, a superficialidade e a busca pelo prazer.

Palavras-chave: Contos. *Nova*. Representação. Imagem da mulher.

Considerações iniciais

Se o conto é um gênero de tanta importância e dotado de uma vitalidade que cresce a cada dia, conforme propõe o estudioso Julio Cortázar (1993), não há como deixar de reparar narrativas que se propõem como contos e se apresentam ao público como opção de leitura rápida, haja vista sua extensão menor se comparadas a romances e novelas. Discutir se são verdadeiramente contos capazes de fazer parte de um grupo de textos reconhecidos por sua qualidade e se podem, de fato, ser tratados como conto enquanto gênero literário não está em

¹ Mestra em Letras pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI campus Frederico Westphalen. Jornalista pela Universidade Federal de Santa Maria. Membro do GP Estudos Culturais e Audio visualidades da UFSM. E-mail: laisavb@yahoo.com.br

² Doutora professora no Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado em Letras na Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI campus Frederico Westphalen. E-mail: luana@uri.edu.br.

nosso propósito, até porque, para escrever um conto, não há regras ou leis, segundo indica o próprio Cortázar em seu tratado sobre a forma dessa narrativa curta.

Entretanto, cabe recorrer a estudos acerca do conto, a fim de que possamos desvendar as peculiaridades que o circundam e assim mapear a forma dos textos selecionados para exame neste artigo. Analisamos três narrativas publicadas na revista *Nova*, da editora *Abril*, nos meses de janeiro, março e abril do ano de 2010 - “Incontrolável paixão”, “O mexicano quente” e “Índia, uma mulher fascinante” - com o propósito de observar qual é o perfil da leitora desta revista, a imagem da mulher que é projetada nas narrativas e, ainda, os traços formais e estéticos dos contos. Cabe destacar que o periódico *Nova* é segmentado para o público feminino e as narrativas citadas foram veiculadas na seção “Clube do Livro Erótico”, que sugere uma leitura que associa narrativa à sexualidade.

Na primeira seção deste artigo, apresentamos a revista, já traçando o perfil das mulheres que leem o produto midiático em questão. Na segunda seção, fazemos uma explanação em torno da seção de contos da revista e, em seguida, realizamos a análise formal dos contos à luz de proposições sobre o gênero traçadas por Julio Cortázar. Em um quarto momento, discutimos a imagem de mulher projetada nas narrativas e, para isso, utilizamos principalmente estudos realizados por Jane Jordan Klein e Dulcília Schroeder Buitoni.

Esta última já nos adianta, no livro *Mulher de Papel* (2009, p. 118), que, na mídia impressa feminina, percorre-se sempre um caminho: aquele que interliga a mulher a um homem e seus desejos. Diz a autora: “A mulher continua bela e bem-arrumada, apesar de à vontade. O que mudou, além dessa pseudo descontração? Três ingredientes básicos estão sendo incluídos nessa receita de mulher moderna: sexo, prazer e consumo sofisticado”. Os elementos citados, especialmente os dois primeiros, são facilmente notáveis nos contos que *Nova* apresenta, e as especificações de cada um deles, unidas às leitoras consumidoras desta mídia, são o que poderemos ver ao longo deste texto.

1 A REVISTA NOVA E O PERFIL DE SUAS LEITORAS

Todo veículo de comunicação constrói seu discurso de acordo com o projeto editorial que consiste em uma proposta pela qual o meio deve se pautar. Uma editora de revistas, por exemplo, oferta diferenciadas publicações aos leitores, estando cada uma delas em consonância com os valores do público que pretende atingir. Dentre as possibilidades de segmentação da mídia impressa revista, uma estratégia muito adotada pelas editoras hoje é a divisão do público em gêneros, respeitando as condições sociais do leitor esperado. E isso implica mudanças de conteúdo da revista em função de alterações comportamentais ou sócio-culturais do público consumidos. De acordo com Casali:

No início, as revistas femininas tratavam de temas como casa, moda, literatura, poesia, belas artes e teatro. A sociedade era então, em sua maioria, constituída por mulheres que cuidavam do lar e de sua família, logo, o tratamento desses temas dava conta dos valores daquele mundo feminino (CASALI, 2006: 11).

A partir da segunda metade do século XX, com a revolução sexual e a liberdade conquistada pela mulher (que não mais priorizou o lar como única ocupação), as revistas femininas passaram a abordar outros temas, tais como o relacionamento entre homem e mulher e o mercado profissional para o gênero feminino. Essas publicações foram se segmentando cada vez mais e, hoje, encontram-se, nas bancas de todo o Brasil, títulos voltados a mulheres e homens adultos, bem como a adolescentes e ao público infantil.

Nova é uma das mídias publicadas no Brasil voltadas especialmente ao segmento feminino. Seu conteúdo é direcionado à mulheres com idade de 25 a 39 anos que buscam a excelência em seus relacionamentos amorosos. Por tratar também de assuntos voltados para a carreira, *Nova* busca atingir a mulher bem sucedida. Contudo, também é leitora desta revista a dona de casa, a mulher que também se preocupa em exercer diferentes papéis que são de sua “tradicional” responsabilidade: mãe e esposa. Conforme a apresentação da revista no site da editora *Abri!l*, *Nova* seria produzida para uma mulher “cheia de atitude e sonhos a conquistar. Divertida, inteligente, essencial em cada página, incentiva a ousadia e a coragem para enfrentar os desafios atuais, buscar o prazer sem culpa e fortalecer a autoconfiança”.

Embora se autocalifique como uma revista voltada para a mulher que busca realização pessoal, mas também profissional, dentre os diversos assuntos abordados no periódico, o mais frequente deles é o tema sexualidade, seguido pelo tema beleza. A leitora de *Nova* seria, portanto, aquela que quer estar bem informada sobre estas abordagens, como também afirma Jane Jordan Klein, em sua pesquisa que analisa a revista:

O perfil da leitora de *Nova* está associado ao seu interesse em relacionamentos, curiosidade sobre sexo, dicas de como se tornar uma mulher de “sucesso”, moda, preocupação com o corpo. Percebe-se também em *Nova* um imediatismo que perpassa pela capa, como: para ter um “show de barriga” com “zero de abdominais”; “azeite que murcha a intrometida”; e “arranjar um namorado até o Natal” (KLEIN, 2009, p. 48).

A pesquisadora ainda comenta que a linguagem adotada pelo periódico é coloquial, método que, segundo Dulcília Buitoni (2009), elimina a distância entre interlocutores, criando uma conversa íntima com a leitora. Conforme a pesquisa de Klein, muitos dos trechos dos textos do periódico aparecem com tons de aconselhamento, além de tratar didaticamente dos temas, procurando ensinar as leitoras a agir de forma adequada, e isso acontece muitas vezes através de tópicos. A leitora de *Nova* também seria, segundo Klein (2009), aquela que prefere adquirir produtos que possam torna-la mais sensual, podendo seduzir o sexo masculino. Diante disso, a estudiosa ainda acrescenta:

Esse mostra-se como o grande foco das leitoras de *Nova*: ser uma mulher realizada sexualmente, para realizar seu parceiro. Precisa, para isso, ter o corpo de acordo com os padrões vigentes, que permita vestir roupa *sexy* (e cara), mas para comprá-la deve ter poder e dinheiro. Todas essas necessidades são requisitos para sua maior meta: ser uma mulher de alto desempenho sexual. (KLEIN, 2009, p. 91).

Para tratar sobre a temática da sexualidade de forma a mobilizar o imaginário das leitoras, *Nova* apresenta, dentre suas seções, uma dedicada a narrativas eróticas, histórias de ficção que falam sobre aventuras sexuais, oferecendo à leitora, que busca aguçar seu poder de sedução e performance sexual, mais uma possibilidade de imaginar situações e transferi-las para a sua vida pessoal. Trata-se da seção “Clube do Livro Erótico”, a qual apresenta histórias construídas em formato de contos e que é objeto de observação na próxima seção.

2 A SEÇÃO DE CONTOS NA REVISTA

A seção “Clube do Livro Erótico” é caracterizada no site *MdeMulher*³ como uma exposição de “contos de *Nova*”. As narrativas são compilações de trechos extraídos de livros eróticos as quais se transformam em histórias mais curtas publicadas no periódico. Há, portanto, no processo de publicação da revista, um enxugamento das histórias originais que passam a ser abordadas de modo sintético na forma de contos.

Os textos desta seção não ultrapassam duas páginas, sendo que a primeira delas sempre apresenta o nome da seção, uma imagem de um casal em um momento de intimidade, o título do conto com uma breve apresentação da história e o seu início. A página seguinte é constituída do restante da narrativa, sempre com um olho⁴ que destaca algum trecho mais picante do texto erótico.

Os três contos selecionados para o *corpus* de análise deste trabalho foram extraídos das edições de janeiro, março e abril do ano de 2010, já que a edição de fevereiro de 2010 não apresentou publicação dessas narrativas. A narrativa de janeiro, intitulada “Incontrolável Paixão”, foi montada a partir de fragmentos do *livro Muito mais que uma princesa*, da americana Laura Lee Guhrke. A edição do mês de março de 2010 apresenta o conto “O mexicano quente”, com fragmentos do livro *A carícia do vento*, da americana Janet Dailey. Já o conto do mês de abril, “A preferida do Sultão” é uma compilação de trechos de *Índia, uma mulher fascinante*, da americana Beatrice Small.

Em “Incontrolável Paixão”, é narrada a história de uma princesa que sente uma incoercível atração por um embaixador e, durante um passeio de carruagem, toma a iniciativa

³ O site MdeMulher (<http://mdemulher.abril.com.br>), também da Abril, reúne matérias diversas sobre moda, beleza, sexo, entre outros. Neste portal encontram-se uma reunião de conteúdos encontrados nas mais diferentes revistas da editora Abril, segmentadas para o público feminino.

⁴ Termo utilizado no jornalismo para designar uma frase em destaque em meio a um texto corrido.

de aproximar-se dele, que inicialmente resiste, mas posteriormente toma o controle da situação que culmina em ato sexual. No conto “O mexicano caliente”, a personagem feminina Sheila manifesta-se inicialmente indignada pelo fato de seu companheiro ter uma amante, mas, embora resista por alguns instantes, acaba cedendo aos desejos de seu homem e a situação é resolvida através da prática da relação sexual. Já em “A preferida do Sultão”, Índia, uma das serventes de um navio, faz companhia para um homem poderoso durante uma noite sem que haja aproximação física. Na segunda ocasião, a personagem masculina percebe que, além de atração física, sente amor pela jovem e a história culmina no ato sexual entre os dois. As histórias apresentadas na seção da revista culminam sempre da mesma forma: com a indicação de sexo entre homem e mulher, sendo a relação uma forma de resolver conflitos. Mas outros aspectos, além do tema, a serem observados nas histórias contados, como está explicitado na seção a seguir.

3 A CONSTRUÇÃO E OS EFEITOS DOS CONTOS

A ausência de leis ou dogmas talvez seja o que possa tornar um conto mais prazeroso para a leitura, capaz de chamar a atenção, ou mesmo, prendê-la até o final. A liberdade na escrita é uma das características adotadas por Julio Cortázar (1993), que, ainda sem criar regras, define alguns pontos que podem tornar um conto bom ou ruim:

Ninguém pode pretender que só se devem escrever contos após serem conhecidas suas leis. Em primeiro lugar, não há tais leis; no máximo cabe falar de pontos de vista, de certas constantes que dão uma estrutura a esse gênero tão pouco classificável. (CORTÁZAR, 1993, p. 149).

Os contos publicados na revista *Nova* são construídos para que a leitora sinta-se instigada a ler a narrativa até o final. Considerando o perfil das consumidoras deste produto midiático, as histórias apresentadas iniciam, nas edições selecionadas, com certo mistério, envolvendo e aguçando ainda mais para ir até o seu final.

Mesmo que livre de regras, Cortázar afirma que existem valores aplicáveis a todos os contos, sejam fantásticos, dramáticos, realistas ou humorísticos, e que estes fatores podem ser importantes para determinar a um bom conto sua qualidade enquanto obra de arte. Estes aspectos iniciam ainda na escolha do tema - que deve permitir uma leitura ampla -, passando pelo modo como é abordado: se vai do específico ao amplo, se cativa o leitor para a narrativa e se apresenta efeitos de intensidade e tensão. Cortázar diz que o bom conto leva o leitor a uma interpretação mais vasta do que o explícito do texto e, por isso, compara a escrita da narrativa curta à fotografia:

O fotógrafo ou o contista sentem necessidade de escolher e limitar uma imagem ou um acontecimento que sejam *significativos*, que não só valham por si mesmos, mas também sejam capazes de atuar no espectador ou no leitor como uma espécie de *abertura*, de fermento que projete a inteligência e a sensibilidade em direção a algo que vai muito além do argumento visual ou literário contido na foto ou no conto. (CORTÁZAR, 1993, p. 151-152).

Mas, se o importante é o efeito que um conto pode causar no leitor, segundo o estudioso Cortázar, uma das maneiras de explicar o desejo de continuar a leitura até o seu final é a articulação do tema e, a partir disso, da intensidade tensão, utilizados pelo autor que construiu a narrativa:

O que chamo de intensidade num conto consiste na eliminação de todas as ideias ou situações intermédias de todos os recheios ou fases de transição que o romance permite e mesmo exige [...]. *Tensão* é uma intensidade que se exerce na maneira pela qual o autor vai nos aproximando lentamente do que conta. (CORTÁZAR, 1993, p. 157-158).

Um conto eficaz, desta forma, é aquele que apresenta a tensão e intensidade, chamando o leitor para não apenas desvendar a história, mas, sobretudo, ir além dela, criando a sua própria concepção daquilo que está posto. Uma dada realidade, portanto, deveria permitir as mais diversas interpretações. Nos contos da revista *Nova*, é difícil que a leitora possa ampliar o sentido da narrativa apresentada de forma a transpor-se para uma realidade maior. Isso porque não são apresentados nos contos acontecimentos significativos que poderiam motivar a reflexão mais profunda, mas, sim, histórias de uma conversa ou um passeio que são concluídos com o ato sexual. Entretanto, é possível que a leitora amplie o horizonte do texto ao transpor a situação lida para uma experiência pessoal ou um desejo de realizá-la.

As frases são curtas e a riqueza de detalhes apresentada na narrativa se limita ao olhar das personagens, à forma como se tocam as breves palavras que trocam entre si, como exposto no fragmento a seguir.

Sheila deu meia-volta para fugir, apavorada com a situação que sua imprudência provocara. Ráfaga agarrou-lhe o braço logo acima do cotovelo. Segurando o cobertor sobre os seios, conseguia usar apenas um dos braços para afastá-lo. Em vão. A cabeça de Ráfaga foi em direção à dela e Sheila afastou o rosto. (NOVA, 2010, p. 79).

O trecho é um exemplo de como as narrativas apresentadas na seção da revista se articulam de forma breve, sem muita descrição de ambientes ou do tempo em que está acontecendo tal situação. A brevidade das frases e parágrafos leva a leitora ao ponto final e instiga a continuidade de interlocução com o texto, mas não leva para interpretações e reflexões além do texto. Causa tensão, porque aproxima da história, faz vivenciá-la na imaginação, entretanto isso não se dá de forma lenta, como propõe Cortázar.

Nos contos de *Nova*, a aproximação com a cena erótica criada acontece de forma rápida, sem muita necessidade de pensar naquilo que aconteceu antes, ou no que poderia acontecer depois e sem um sentido reflexivo para o tema trabalhado. Isto pode ser conferido também no trecho do conto publicado no mês de março, “Incontrolável Paixão”: “Subitamente, ele fez um barulho estranho e as mãos dele lhe agarraram os braços. Ele a jogou para trás. O peso dele deixando-a sem ação e presa contra o banco. Ele prendeu a boca de Lucia na sua” (NOVA, 2010, p. 71). Também no conto “A preferida do Sultão” pode se observar esta rápida aproximação: “Ela não discutiu. Caynan esperou que ela se desnudasse, também despiu o caftan e a abraçou” (NOVA, 2010, p. 89).

Ao tratar mais precisamente dos assuntos que envolvem os contos, Cortázar (1993) afirma que não existem temas ruins, apenas modos diferentes de abordar determinados assuntos. O estudioso ainda traz que um conto é possuidor de significado quando rompe seus limites, ou seja, é capaz de ir para além, daquilo que a história conta e, para além disso, pode despertar interesses desiguais, em diferentes leitores.

Nos contos analisados, o tema principal é o sexo. Contudo, o assunto é abordado de forma diferente em cada uma das edições da revista. Em “Incontrolável Paixão”, o foco do erotismo está no desconhecido, no fato de duas pessoas estranhas entre si encantarem-se pelo mistério e assim, chegarem ao ato sexual, conforme fica evidenciado no seguinte trecho:

- Lucia, o que você está fazendo? O que ela estava fazendo era brincar com fogo. Fogo de dragão. Ela sabia disso, mas não conseguia evitar. Ela era atraída para ele como uma mariposa pela chama, e estava decidida a descobrir por quê. Lucia ia beijá-lo, e esperava que esse beijo desvendasse o mistério daquele homem. (NOVA, 2010, p. 71).

Já em “Mexicano caliente”, o foco da abordagem está no modo como um momento de raiva é capaz de despertar interesses voltados ao erotismo:

- Tome as roupas da sua amante. Pode devolvê-las a ela – Sheila jogou a trouxa quase fazendo-a cair dentro da lareira. – Não as quero. Um brilho nefasto surgiu nos olhos dele. Caminhou para junto dela. – Já que se sente assim, o cobertor é meu. Pode dá-lo para mim. – Não – Declarou Sheila, um frio gelado correndo-lhe pelas veias. – Por que não? – argumentou. – Por que não está usando nada por baixo? (NOVA, 2010, p. 79).

Em “A preferida do Sultão”, de abril, evidencia-se o amor aliado ao prazer: “Caynan não se conteve e declarou seu amor por ela” (NOVA, 2010, p. 89). Desta maneira, os temas abordados são apresentados de modo superficial, não instigando uma reflexão profunda sobre algum aspecto, mas aguçando, de modo mais intenso, apenas a imaginação das leitoras. Ainda assim, o modo como são construídos os contos estimula a continuidade da leitura, já que sempre as histórias envolvem um início de mistério ou problema não resolvido.

4 A IMAGEM DA MULHER NAS NARRATIVAS DE *NOVA*

Após verificar o perfil da leitora de *Nova*, os temas e conteúdos apresentados pelo periódico, bem como a estruturação dos contos publicados na seção “Clube do Livro Erótico”, cabe aqui uma análise em torno da representação da imagem da mulher nas narrativas que são lançadas ao público com o intuito de estimular o imaginário erótico feminino. Para além do tema sexo, um estudo do conteúdo e de sua abordagem pode gerar interpretações que revelam um estereótipo de mulher, ao passo em que se pode confirmar a autenticidade do perfil do público desta mídia.

A autora Dulcília Schroeder Buitoni (2009), estudiosa em representação da mulher pela imprensa brasileira, diz que a revista *Nova* seria destinada para mulher adulta, sendo ou não casada e com muito mais preocupação sobre sexo do que com questões domésticas. Essa afirmação pode ser verificada quando se traça o perfil da leitora e fica mais evidente na medida em que é realizada a análise de uma seção da revista, neste caso, adotando os contos. Ainda que o grupo de leitoras deste periódico seja aparentemente de mulheres bem resolvidas pessoal e profissionalmente, conforme lembra Klein (2009), muito do que trazem as narrativas nos permite à interpretação de que, para satisfazer-se pessoalmente, a mulher precisa de sexo, mas muito mais do que isso, precisa entender de que maneira deve participar da relação sexual para melhor agradar o seu parceiro e a partir daí tornar-se realizada. A ação da mulher e *em função de e para* o homem. Volta, assim, a ideia de dependência quanto a sua própria realização. Contudo, ressaltamos que, embora um perfil de leitora tenha sido traçado, existem diferentes mulheres que leem os conteúdos desta revista. Assim, compartilhamos o ponto de vista de Klein, quando a pesquisadora registra que:

Certamente, é preciso considerar o potencial crítico das leitoras que conseguem atualizar os textos das revistas a partir de si e que não simplesmente reconstruem-se a cada nova informação, a cada indicação de um jeito de ser mulher no mundo. Nesses últimos casos, a leitura torna-se uma simbiose: não absorvo o que leio a partir do que já sou, mas acabo tornando-me exatamente aquilo que propõe a minha leitura, revelando uma postura passiva da leitora. Tal postura subalterna foi, por muito tempo, característica das mulheres que se encantam pelas açucaradas histórias de amor, cujo enredo prioriza uma jovem que espera por um príncipe encantado, a fim de resolver problemas econômicos e afetivos. (KLEIN, 2009, p. 88).

A leitora de *Nova* ou de qualquer outro periódico já traz consigo uma bagagem pessoal, com valores particulares que podem se sobrepor ou se confrontar com aquilo que é publicado na revista. Contudo, a consumidora ativa deste produto midiático muito provavelmente busca suprir alguma falta, seja de informação, conteúdo, ou qualquer outro aspecto e, desta maneira, pode estar mais propícia a aceitar o que lhe é proposto.

Se há algum tempo as mulheres ficavam fascinadas com histórias de amor que lhe propiciavam sanar desejos de semelhanças ou então, manterem-se na esperança de viverem grandes romances, hoje, o que os contos fictícios narrados na revista *Nova* podem suscitar é que as leitoras desejem viver momentos tão intensos quanto os protagonizados pelas personagens. Ou seja, as narrativas curtas apresentadas sugerem a necessidade de vivência de prazer sexual. A diferença é que, antes da busca por um grande amor, deve haver a busca pela realização de um sonho erótico.

4.1 Conto “Incontrolável paixão”

O conto “Incontrolável Paixão” apresenta um aspecto mais elitizado em seu enredo. O erotismo se dá entre uma princesa e um embaixador inglês, durante um passeio de carruagem, o que pode ser capaz de despertar ainda mais curiosidade do público de leitoras, já que se trata de duas pessoas que, em geral, seriam bastante tradicionais e não se envolveriam em uma aventura sexual, pelo menos não sem formarem um casal.

Logo no início da narrativa, quando o texto propõe que “Lucia nunca tinha encontrado um homem como Ian” (NOVA, 2010, p. 70), podemos perceber a representação feminina nesta busca por um homem ideal. Mas, ao passo que o conto inicia desta maneira, ele segue com uma “inversão de papéis”. Não é o homem quem toma a iniciativa erótica da trama, mas sim a princesa:

Procurando se orientar no escuro, Lucia inclinou sobre o corpo dele. Curvou-se e pôs a mão aberto no banco da carruagem ao lado do quadril dele. – Lucia, o que você está fazendo? O que ela estava fazendo era brincar com fogo. Fogo de dragão. Ela sabia disso, mas não conseguia evitar. (NOVA, 2010, p. 71).

Essa atitude muito provavelmente não estaria presente em histórias de amor voltadas para um público feminino de outro século, como o XIX, mais conservador em relação à postura feminina. Agora, na narrativa estudada, a mulher assume o comando, sendo-lhe atribuída também a importância, conforme Klein, de igualar-se ao homem em todos os quesitos para poder se tornar independente e moderna:

Em outros tempos, as mulheres sofreram com a submissão e traição dos maridos, mas, hoje, o que se oferece a elas como garantia para a sua libertação é o ato de comportarem-se como os homens do passado, no que diz respeito às traições e à postura superficial nos relacionamentos sexuais. (KLEIN, 2009, p. 60).

A superficialidade no que tange as relações se torna evidente também no fragmento “Lucia ia beijá-lo, e esperava que esse beijo desvendasse o mistério daquele homem” (NOVA, 2010, p. 71). Ao refletir sobre valores humanos, gosto e personalidade, dificilmente um beijo desvendaria algum enigma a respeito outra pessoa. Contudo, se o foco da revista é

especialmente o corpo em si, então, a personagem estaria no caminho certo para atingir seu objetivo e, talvez, este valor seja passado também para a leitora que se envolve em maior medida com a narrativa.

A posição de inversão de papéis não transcorre até o final da história. Há um momento em que o homem toma novamente o seu “posto”. A mulher é moderna, é bem resolvida, mas a figura do homem acaba se sobrepondo, já que é tipificada naturalmente desta forma, como explica a autora Lúcia Osana Zolin, em uma de suas análises:

Às imagens ideais projetadas pelo senso comum em torno da figura masculina, associadas a “bom partido”, “provedor”, “galanteador”, “sedutor”, “viril”; bem como da feminina, associadas a “castidade”, “submissão”, “fidelidade”, “prendas domésticas”, sobrepõe-se outras, mais ligadas a vícios do que a virtudes. (ZOLIN, 2012, p. 173).

O instante em que, no conto, a personagem feminina recua, dando espaço ao homem para que exerça o seu papel, fica evidente no trecho: “Com os lábios a alguns centímetros dos dele, ela esperou, suspensa, esperançosa, sabendo que tinha feito a jogada. Era a vez dele agora” (NOVA, 2010, p. 71). A figura da mulher aparece mais moderna, meticulosa, entretanto não conclui o seu propósito por si só, deixa para quem naturalmente cabe este papel, o homem, como é estabelecido, por exemplo, no fragmento que segue: “Ele a jogou para trás, o peso dele deixando-a sem ação e presa contra o banco. Ele prendeu a boca de Lucia na sua” (NOVA, 2010, p. 71). Mais adiante, ainda temos: “Não era mais Lucia quem controlava o próprio corpo, mas Ian” (NOVA, 2010, p. 71). Ainda neste mesmo sentido, talvez de maneira mais expressiva, outro trecho do conto traz o homem se apoderando da mulher: “e ele não conseguia pensar em outra coisa que não fosse a posse. A posse completa e total. Ele recuou e, com ímpeto firme, apossou-se dela” (NOVA, 2010, p. 71).

Percebemos, desta maneira, que a imagem feminina perpassada através deste conto reflete a mulher que quer ser moderna e busca a igualdade de gêneros e aquela que já não depende mais do homem para tomar suas próprias decisões e, assim, atuar com iniciativas. Ademais, evidencia a superficialidade nas ações e naquilo que entende como conhecimento do outro, tendo o corpo como principal objeto para sua realização. Por outro lado, a mesma mulher que é moderna e dá o primeiro passo por fim se coloca em um patamar mais baixo, deixando a decisão final para o homem, que detém o controle daquela situação.

4.2 Conto “O Mexicano caliente”

Em “O Mexicano Caliente”, o que chama a atenção é a forma como um momento de raiva se transforma em paixão, com a premissa de que o ato sexual poderia resolver o impasse

entre o casal formado pelo mexicano Ráfaga e Sheila, uma personagem rica e mimada que fugiu para o México a fim de encontrá-lo.

A narrativa começa caracterizando a personagem feminina: “Irritava-a saber que a pouca liberdade de que desfrutava dependia dos caprichos de Ráfaga” (NOVA, 2010, p. 78). Diferente do conto analisado anteriormente, no qual a figura da mulher se coloca em um estado de mais modernidade e independência, aqui se apresenta claramente uma imagem de submissão, da mulher que ainda precisa agir conforme as vontades de seu parceiro, o que é evidenciado também em outros fragmentos como: “Quando Sheila entrou, ele ergueu de vagar a cabeça” (NOVA, 2010, p. 79). Notamos mais uma vez o modo como a figura masculina aparece em superioridade. Ao adentrar no ambiente, ela precisa esperar que Ráfaga pare de executar o que está fazendo para observá-la e dar atenção àquilo que Sheila quer falar. Ele ergue a cabeça “devagar”, mostrando dar pouca importância para a presença da mulher naquele espaço.

Buitoni (2009), já afirma que este tratamento é o normalmente oferecido pela mídia impressa feminina já que as ações circundam em função do homem. É a figura feminina que busca agradá-lo em toda a circunstância, assumindo papel de passividade. Assim como acontece no desfecho do conto anterior, em “O Mexicano Caliente”, a questão da possessividade do homem sobre a mulher está em evidência, entretanto, neste caso, se dá durante toda a narrativa.

Quando Sheila entra na sala com raiva, buscando devolver algumas roupas que ganhou do mexicano, pedindo que dê a sua amante, a reação dele é resolver tudo da maneira mais rápida e como lhe convém. “Ráfaga agarrou-lhe o braço logo acima do cotovelo [...] foi em direção à dela e Sheila afastou o rosto. A respiração dele roçava-lhe o pescoço. A virilidade agressiva fazia com que ela perdesse o contato com a realidade” (NOVA, 2010, p. 79). Neste trecho, mais uma vez notamos a passividade com que a personagem feminina representada pela revista age diante dos fatos. Embora estivesse indignada por um desvio de comportamento de seu companheiro, a mulher não conseguia resistir à “virilidade” do homem, o que nos faz perceber também uma figura frágil e, sobretudo, submissa, como observamos também em outro trecho: “Odiava-o desesperadamente, enquanto reconhecia que era um mestre na arte de seduzir” (NOVA, 2010, p. 79). É o desenho de uma mulher que tem o sexo como primeiro plano, e a virilidade e a sedução masculina a fazem deixar outros valores em segundo plano em função do prazer. A respeito disso, Buitoni também diz que os meios de comunicação segmentados em gênero, tanto feminino quanto masculino, colocam o prazer sempre em primeiro lugar:

Prazeres para os cinco sentidos, sempre numa visão individualista. O que importa é o próprio prazer; quando muito o prazer a dois. Mas, fora disso, o mundo não existe.

A dimensão social fica perdida; anseia-se apenas por uma rede onde se pode ficar enroscada no corpo dele. O casal é a solução de felicidade, o caminho apontado; de preferência num cenário em uma ilha paradisíaca até onde não chegam nem os ecos de problemas sociais. O individualismo, o isolamento egoísta, o prazer como sentido de vida. Eis a nova mulher, antiga por dentro, nova por fora, e com mais algumas algemas douradas: o sexo e o consumo. (BUIIONI, 2009, p. 123).

Se o marido traiu, se a tratou como submissa, ou se muitas outras coisas acontecem em torno de uma sociedade, que muitas vezes também prima pelo prazer, estes aspectos ficam ignorados ou minimizados. Configura-se a mulher antiga, que precisa aceitar determinadas situações como forma a “obedecer” ao marido e faz-se a atual, que é bem resolvida sexualmente e, por isso, consegue resolver os impasses, como evidenciado em mais um fragmento do conto:

As mãos exploradoras dele descobriam e sondavam suavemente suas partes secretas e íntimas, tocando, provocando e liberando todas as suas inibições e temores. [...] Se foi tortura, que doce tortura! A ânsia que sentia no sexo deixava o sistema nervoso de Sheila gritando de necessidade pela posse. (NOVA, 2010, p. 79).

Novamente a posse do homem sobre a personagem feminina se faz presente neste conto. É como se o ato sexual se resumisse em ele tomar posse dela. Ao finalizar a narrativa ainda se torna bem visível o modo como foi construída a resolução dos problemas daquele casal (a raiva pela traição), através do prazer físico: “Quando o orgasmo veio, Sheila foi envolvida num turbilhão, numa névoa aveludada de sensações” (NOVA, 2010, p. 79).

A imagem da mulher representada através deste conto é, portanto, aquela que está em busca pelo prazer, ainda que, para isso, precise ser submissa ao seu companheiro. É a mulher que se coloca em um patamar mais baixo do que o do sexo oposto e se permite ser um elemento de posse, capaz de esquecer problemas importantes ao deixar-se levar pela masculinidade da figura que a acompanha. Segundo Buitoni (2009), existe ainda a ideia da mulher enquanto objeto, propondo-se a antiga forma relação com o homem.

O homem, neste conto, nem precisou debater com a companheira sobre o que lhe afligia, usou inicialmente de sua força física, unida ao seu poder de sedução, para fazer tudo ficar bem, através do prazer superficial.

4.3 Conto “A Preferida do Sultão”

No conto “A Preferida do Sultão”, submissão e prazer também são pontos chaves, mas nesta narrativa, estes aspectos misturam-se com o sentimento do amor. Não é possível identificar se o casal de personagens em questão realmente se ama, já que, ao que parece, acabam de se conhecer. Entretanto, a atração física pode ter se confundido com este sentimento.

No trecho que dá início à narrativa, o que o leitor observa é novamente a figura feminina como submissa: “- Só quero que se deite ao meu lado, índia. Prometo que nada vai acontecer entre nós. – Preciso levar as bandejas de volta à cozinha. – Então, quando terminar, venha me fazer companhia. – É uma ordem, senhor? – Não – ele respondeu fechando os olhos” (NOVA, 2010, p. 88). Desta vez, além de estar acostumada a ser ordenada pelos homens, a Índia é uma das serventes do Navio. Ainda que esteja nesta posição, a personagem é filha de um marquês que fugiu para se casar. Mais uma vez neste conto fica evidente a afirmação de Buitoni (2009), que diz respeito às narrativas que se passam em “ilhas paradisíacas”, ou seja, em lugares longe de problemas sociais e, portanto, mais atrativos.

Nesta história, a figura masculina, na personagem de Caynan Reis, mostra-se um tanto mais respeitadora, conforme vemos no fragmento: “Querida beijar aquela boca, saborear sua doçura inocente, e teve de cerrar os punhos para conter o impulso de tocá-la com maior intimidade” (NOVA, 2010, p. 89). Ainda que precisando conter-se, fica evidente a questão da superioridade por parte de Caynan, quando a Índia deixa seu quarto: “A quem devo escolher para partilhar minha cama esta noite?” (NOVA, 2010, p. 89). Apesar de o homem apresentar a opção para que a personagem feminina diga se quer ou não passar a noite com ele, deixa a ideia de que, se ela não quiser, ele poderá escolher outra para “assumir a função”. Ou seja, não importa qual mulher será responsável por satisfazê-lo, pois todas são o objeto para o prazer. Além do erotismo do conto, há alguns momentos em que se percebe o sentimento que acontece entre as personagens: “Seu coração ameaçava saltar do peito. O que sentia não era simplesmente desejo, era amor!” (NOVA, 2010, p. 89).

A representação feminina em “A preferida do Sultão” acontece, semelhante aos demais contos analisados, de forma submissa e com vistas ao prazer, entretanto, nesta narrativa, também aparece a mulher que, embora tenha consciência de que vai servir como objeto de prazer, como observamos nas falas iniciais, é cativada pelo sentimento, é a mulher que, além de erotismo, também está à procura do amor, diferente do homem, que a vê unicamente como objeto para o prazer.

Considerações finais

A “busca pelo prazer sem culpa”, uma das características atribuídas por *Nova* para traçar o perfil de suas leitoras, talvez seja o elemento que mais se aproxime da realidade representada nos contos da seção “Clube do Livro Erótico” veiculada na revista. Ao finalizar esta análise, ressaltamos que nossa intenção não consiste em diminuir a qualidade de produção dos contos estudados e tampouco fazer juízo de valor em torno das mulheres que consomem esta mídia. O que nos propomos é perceber quais são as características que

compõem a figura feminina representada em cada um dos contos e, desta forma, entender mais sobre o perfil do público que se identifica com as publicações.

Se por um lado, a mulher que lê *Nova* é moderna, cheia de sonhos e bem resolvida, por outro, a figura feminina que se apresenta através das narrativas ficcionais da revista traz uma mulher que, mesmo tendo o prazer como um de seus objetivos – diferente de histórias apresentadas em outros tempos –, ainda tem, na figura do homem, a imagem de superioridade e virilidade incontestável. Dessa forma, a leitura das narrativas sugere a configuração de um perfil feminino submisso, passivo, “menor” em relação ao homem.

Ainda há que ser observado que, ao traçar um paralelo entre os contos analisados, percebemos que as narrativas representam a imagem de uma mulher que quer ser moderna, embora seja superficial em seus valores e anseios, já que o prazer está em primeiro plano, antes de padrões sociais respeitados, orgulho, traições, assuntos pendentes e mesmo o sentimento do amor. Ainda que apareça a mulher que, por exemplo, já toma a iniciativa na conquista ao outro, os textos constroem a imagem delas como sujeitos dependentes dos desejos do homem e submissas, o que se evidencia, principalmente, quando se coloca a personagem feminina como a princesa delicada, esperando atenção ou, ainda, no papel de uma servente.

Não analisamos, neste artigo, outras seções da revista *Nova*, contudo, sabemos que a grande maioria delas têm o sexo como principal assunto, assim como é o foco das histórias curtas. O periódico se pretende para a mulher inteligente e bem resolvida, todavia, especialmente através da seção que analisamos, todos os elementos se direcionam apenas para um destino: o prazer. Segundo Buitoni (2009, p. 199), “Prega-se a emancipação feminina, mas na verdade trata-se de um processo que continua coisificando a mulher, nos moldes em que se funda”. Esta afirmativa se comprova quando percebemos a figura feminina retratada como um ser que busca e eleva o prazer, enquanto se faz objeto dele.

Diferente do proposto por Cortázar, a respeito da importância de um conto provocar uma visão mais ampla do que a apresentada no texto, as narrativas “Incontrolável paixão”, “O mexicano quente” e “Índia, uma mulher fascinante”, publicadas em *Nova* provocam pouca ou quase nenhuma reflexão, mantendo-se na superficialidade de um tema que é abordado com o intuito de entreter e mexer com a imaginação. A leitora das histórias curtas deste periódico pode ir além do que está descrito apenas no patamar do imaginário erótico, mas não por um contexto maior capaz de incitar uma reflexão mais profunda em torno outros temas.

REFERÊNCIAS

ABRIL. Site da Editora. Disponível em: <<http://www.publiabril.com.br/marcas/29/revista/informacoes-gerais>>. Acesso em: 7 de fev. de 2010; 21h30.

BUITONI, D. S. *Mulher de Papel: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira*. 2. ed. São Paulo: Summus, 2009.

CASALI, C. *Revistas: configuração do relacionamento entre homem e mulher como estratégia de segmentação do público*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação). 2006. Unisinos, São Leopoldo/RS.

CORTÁZAR, J. *Valise de Cronópio*. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 1993.

KLEIN, J. J. *O perfil da mulher leitora no Brasil: um estudo de revistas Femininas*. Dissertação (Mestrado, Área de Leitura e Cognição). 2009. Unisc, Santa Santa Cruz do Sul.

ZOLIN, L. O. A Literatura Escrita por Mulheres no Paraná: Tradição e Ruptura. *Gláuks* v. 12 n. 2. 2012. p. 158 -168. Disponível em: <http://www.revistaglauks.ufv.br/arearestrita/arquivos_internos/artigos/2Artigo__Lucia_Osana_formatado_rafa.pdf>. Acesso em: 30 de dez. 2012.